

O CONTO DE PANTEIA: INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO E NOTAS
THE PANTHEA'S TALE: INTRODUCTION, TRANSLATION AND NOTES

Emerson Cerdas¹

Resumo: O objetivo do artigo é apresentar uma tradução do conto de Panteia, narrativa secundária que é narrada em segmentos intercalados à narrativa principal da *Ciropedia* de Xenofonte. Este conto teve grande influência no romance grego antigo, apresentando temas e tipos de personagens que foram imitados pelos primeiros romancistas. Apresentamos, também, um comentário introdutório do conto, focando na composição dos personagens, especialmente a heroína da narrativa, Panteia.

Palavras-chave: Xenofonte; *Ciropedia*; Panteia; ficção;

Abstract: The purpose of the article is to present a translation of the story of Panthea, a secondary narrative that is told in segments interspersed in the Xenophon's *Cyropaedia*. This tale had a great influence on the ancient Greek novel, presenting themes and types of characters that were imitated by the first novelists. We also present an introductory commentary on the tale, focusing on the composition of the characters, especially the heroine of the narrative, Panthea.

Keywords: Xenophon, *Cyropaedia*; Panthea; fiction.

Introdução

Quem sentiria mais prazer dormindo com a mais bela mulher do que passando a noite com o escrito de Xenofonte sobre Panteia, ou de Aristóbulo sobre Timocleia ou de Teopompo sobre Tebe²?

A citação acima é do texto de Plutarco, *Sobre a impossibilidade de viver com prazer de acordo com Epicuro* (1093c6-9), e faz parte dos seus argumentos em ataque à tese epicurista de que a alma encontra a felicidade apenas nos prazeres sensuais ou na sua recordação. Para contrapor essa visão, Plutarco cita três exemplos de narrativas cuja leitura, em sua opinião, dariam para o homem mais prazer do que o próprio ato sexual com a mulher mais bela, três narrativas que trazem como tema, justamente, história de

¹ Atualmente é pós-doutorando na Universidade de São Paulo, com bolsa FAPESP, em um projeto de tradução das *Helênicas* de Xenofonte. Doutor pelo programa de Pós em Estudos Literários da Unesp/Araraquara, realizando estágio doutoral na Universidade Autônoma de Madrid.

² Tradução de nossa autoria. No original: τίς δ' ἂν ἡσθεῖη συναναπαυσάμενος τῇ καλλίστῃ γυναικὶ μᾶλλον ἢ προσαγρυπνήσας οἷς γέγραφε περὶ Πανθείας Ξενοφῶν ἢ περὶ Τιμοκλείας Ἀριστόβουλος ἢ Θήβης Θεόπομπος; Texto grego estabelecido por Gregorius N. Bernardakis, 1895, disponível no site <http://www.perseus.tufts.edu>.

três belas mulheres, Panteia, Timocleia e Tebe³. As duas últimas são personagens históricas; Panteia, ao contrário, é uma personagem ficcional que aparece na *Ciropedia* de Xenofonte e cuja narrativa teve grande influência no romance grego antigo⁴.

A *Ciropedia* trata da vida do príncipe persa Ciro, o Velho, que no século VI a.C. transformou a Pérsia em um vasto império. A narrativa abrange a sua vida desde o nascimento até a morte, com enfoque especial na sua formação ética e moral na infância e adolescência e seu desenvolvimento enquanto militar e líder do nascente império persa. Embora apoiada em certos dados históricos⁵, há uma evidente manipulação de Xenofonte na criação dessa narrativa, misto de ficção histórica e utópico-filosófica, em que o autor demonstra um grande domínio de diversas técnicas narrativas para fazer de seu Ciro romanceado o modelo ideal de líder. Nessa tessitura narrativa, ainda que outros elementos possam ser considerados ficcionais e romanescos⁶, é de fato o conto de Panteia o que mais chama a atenção, por se tratar de uma narrativa secundária de tema amoroso, tratando-se, portanto, de um *erótikos lógos* composto por temas e personagens caros ao romance grego: o casal de beleza e virtudes elevadas que é separado, a fidelidade que é colocada a prova, o reencontro dos apaixonados, além de outros personagens que dominados pela paixão mostram o lado perigoso do amor (ἔρως).

Essa narrativa, além disso, apresenta uma série de elementos estruturais inovadores na prosa grega do século V e IV a.C., que merecem atenção: o conto é narrado de forma intercalada à narrativa principal, com cenas desenvolvidas pelo grande uso de

³ Timocleia era irmã do general tebano Teágenes e foi violentada por um soldado durante a ocupação de Tebas por Alexandre Magno (335. a.C.), porém, com astúcia, conseguiu enganá-lo e matá-lo. Levada diante de Alexandre, o rei ficou admirado pela sua nobreza e coragem e a deixou em liberdade. Essa narrativa foi contada por Aristóbulo de Cassandreia, historiador que acompanhou o exército macedônio em sua expedição a Ásia; sua obra hoje é conhecida apenas por fragmentos, mas também Plutarco, a partir dessa fonte, retoma a narrativa em *Virtudes das mulheres* (259d-260d); Tebe, por sua vez, era esposa do tessálio Alexandre, tirano de Feras, que, desgostosa com o despotismo de seu marido, o matou com a ajuda de seus irmãos. Segundo o historiador Teopompo, cuja narrativa Plutarco retoma e desenvolve na biografia de *Pelópidas* (28 e 35), a causa do ódio da mulher foi ela ter visto o péssimo tratamento que marido dava ao general tebano Pelópidas, amigo íntimo de seu pai. Xenofonte, que narra essa mesma anedota nas *Helênicas* 6.4.35-37, apresenta uma motivação diferente, baseada nas versões que corriam em seu tempo; segundo o historiador ateniense, conta-se, de um lado, que o motivo do seu ódio foi ele ter prendido e degolado seu amante, um belíssimo jovem, enquanto outros contam que foi por Alexandre ter enviado mensageiros a Tebas querendo tomar outra mulher como esposa, pois a acusava de não lhe dar filhos.

⁴ Cf. Holzberg, 2003. Segundo Brandão (2005, p.61), há notícia de que esse conto de Xenofonte foi desenvolvido em um romance chamado *Panteia e Araspas*, provavelmente do século II d.C.

⁵ Christopher Tuplin, talvez, seja a principal voz defensora, hoje em dia, de uma leitura não romanceada da *Ciropedia*, acreditando que ela deva ser lida como uma obra historiográfica, não como ficcional, especialmente apoiado nos estudos históricos iranianos. Cf. Tuplin, C. (2013).

⁶ A respeito dessa questão, cf. Due (1989; 2003), Tatum (1989), Stadter (1991), Reichel (1995).

diálogos em uma linguagem mais elevada e poética do que o estilo geral da obra⁷ (GERA, 1989, p.198). Narrativas secundárias são comuns em Heródoto e Ctésias, dois representantes da historiografia que trataram de temas orientais como a *Ciropedia*, porém esse modo segmentado de intercalar as cenas não aparece nesses autores, que em geral narram essas anedotas de modo contínuo, e Stadter (2010, p.388) sugere uma comparação com a técnica narrativa da *Odisseia*, em que Homero narra várias linhas narrativas simultâneas que se intercalam – o retorno de Odisseu, Penélope e os pretendentes, as viagens de Telêmaco. Essa sugestão, além de marcar o traço estrutural inovador do conto de Panteia na prosa grega, relembra também o tom épico e feição intertextual com as obras de Homero.

Assim, apenas com finalidades didáticas para essa introdução, podemos resumir a narrativa desse modo: a primeira aparição de Panteia, que ainda não é nomeada, ocorre no livro 4.6.12, quando o narrador descreve a divisão dos espólios após a primeira batalha da expedição contra a Assíria; por ser Ciro o líder do exército, mas também pelo seu grande valor militar, cabe a ele na divisão a mulher de Susa, a mais bela mulher da Ásia; na sequência (5.1.2-18), Ciro pede a seu tenente Araspas que tome conta da mulher, enquanto ele mesmo vai cuidar de seus negócios militares; impressionado pela sua beleza, Araspas faz uma descrição do seu primeiro encontro com ela para o príncipe persa, o que leva a Ciro a recusar-se a contemplá-la. Inicia-se, então, um diálogo de teor filosófico entre os dois personagens em que Ciro defende a irresistibilidade de Eros, enquanto Araspas, que ri de seu líder, acredita que o amor é um sentimento voluntário, capaz de ser dominado pela vontade do ser-humano. Araspas, no entanto, cai de paixão por Panteia (6.1.33-44), tanto pela contemplação constante de sua beleza, quanto pelo tratamento delicado e dedicado que ela lhe dá, porém, diante da recusa da jovem em ter relações sexuais com ele, Araspas ameaça violentá-la. Panteia, então, envia uma mensagem a Ciro pedindo proteção, e este, além de ajudá-la, aproveita-se disso para enviar Araspas em uma missão de espionagem. Panteia, comovida pelo ato de Ciro, pede permissão para enviar uma carta ao seu marido, Abradatas, que, agradecido pelo tratamento dado à sua esposa, deserta e se alia ao príncipe persa. Abradatas se mostra um valioso aliado de Ciro (6.3.35-36), escolhendo a posição mais perigosa na batalha de Thymbrara, cidade lídia, no comando dos carros falcados. Antes da batalha, Xenofonte narra a despedida do casal e

⁷ Essas características são comuns também às outras narrativas secundárias da *Ciropedia*: a história dos assírios Gadatas e Góbrias, e a narrativa do rei Cresos.

Panteia veste o esposo com armas que ela fez com as próprias joias (6.4.2-11). Abradatas, embora tenha importante papel na vitória do exército de Ciro que, com a vitória em Thymbara, toma a capital da Lídia, Sárdis, morre na batalha e tem seu corpo despedaçado pelas foices dos carros (7.1.29-32). Ciro, informado da sua morte, vai ao encontro da mulher e a acha abraçada ao cadáver do marido; depois de uma rápida conversa entre os dois, o príncipe persa parte e Panteia se suicida sob o corpo do marido, sendo seguida por seus fiéis eunucos⁸ (7.3.2-16).

Essa originalidade na forma de composição permitiu a Xenofonte trabalhar e desenvolver de maneira mais dramática e persuasiva as virtudes morais de Ciro, revelando o esplendor de sua liderança, ao mesmo tempo em que cada cena desenvolve a representação da psicologia das personagens. Ciro, personagem principal da *Ciropedia*, torna-se secundário na narrativa de Panteia, pela sua própria iniciativa, uma vez que, ao ouvir sobre a beleza da mulher de Susa, recusa-se apropriar-se de seu espólio de guerra por temer se apaixonar por ela e, com isso, abandonar as suas obrigações políticas e militares⁹. Esse autocontrole (ἐγκράτεια), a capacidade de não se deixar dominar pelos prazeres e, além de ser um conceito chave para virtude, segundo o Sócrates de Xenofonte¹⁰, é um dos atributos essenciais na visão de Xenofonte para a configuração do líder ideal¹¹. Outra característica de Ciro, revelada por toda narrativa, mas que tem papel preponderante no conto de Panteia, é a capacidade de se utilizar da φιλία como arma política, ao associar a amizade e a afeição com a troca de benefícios¹², e isso fica evidente na maneira que o líder persa sabe tirar vantagem dos favores que presta, primeiro, a Araspas, e depois a Panteia e Abradatas. Mais do que isso, essa postura benéfica do líder

⁸ Stadter (2010, 389-392), argumenta, divide esse enredo em quatro atos e um prólogo que, em alguma medida, chama atenção ao caráter dramático e trágico da narrativa, cada um dos quais é significativo para o desenvolvimento tanto da novela e quanto da descrição do sucesso de Ciro.

⁹ Baragwanath (2010) faz uma interessante comparação dessa cena com o conto de Candaules e Gíges em Heródoto (1.7-13): Candaules, rei da Lídia, incentiva seu servo Gíges a espiar e contemplar a beleza da sua própria mulher nua; como súdito, Gíges obedece e a mulher, percebendo isso e sentindo-se violada pelo marido, incentiva o servo a matá-lo e a desposá-la. Assim, Gíges torna-se rei da Lídia. No conto de Panteia os papéis são alterados, já que é o servo que instiga o líder a ir contemplar a bela mulher, e por este recusar, não lhe recai um fim trágico.

¹⁰ Há várias passagens nas memoráveis em que o tema da ἐγκράτεια assume o papel principal da discussão. Citamos, como exemplo, duas delas: “Não será pois necessário que qualquer homem, acreditando que o auto-domínio é o pilar da virtude, nele fundamente a construção da sua alma?” (1.5.5); “Crente de que o auto-domínio é bom para quem pretende praticar o bem, antes de mais, era evidente aos que conviviam com ele [Sócrates] que era o mais metódico de todos os homens, e depois, em todas as conversas que tinha com eles incitava-os a esse auto-domínio” (4.5.1).

¹¹ Wood (1964) oferece um bom sumário das principais características que se repetem nos variados líderes que Xenofonte, em toda a sua obra, elogia.

¹² Para uma análise mais detalhada desse uso político do conceito de φιλία, cf. Azoulay (2018, p.169-197)

leva a que os próprios beneficiários queiram agir de modo a serem não apenas úteis, mas dignos da amizade de Ciro, que se coloca como uma espécie de amado idealizado e inalcançável a quem o amante se esforça por agradar¹³. Nesse sentido, Araspas, por causa da clemência do príncipe, aceita arriscar-se na missão de espionagem e ver seu nome ultrajado pelos persas, enquanto Abradatas deserta e vai para o lado de Ciro por ele ter respeitado a sua mulher e não a ter tratado como uma serva qualquer; além disso, para ser digno dele, assume o posto mais perigoso no campo de batalha. Quanto a Panteia, na cena de despedida, a esposa exorta o marido, depois de vesti-lo com as armas que ela fez com as suas próprias joias, a ser valoroso na batalha, pois “[...] preferiria envolver-me na terra contigo, sendo um homem valoroso, do que viver desonrada, contigo desonrado; pois eu considero a ti e a mim dignos das mais belas glórias¹⁴” (6.4.6), porém essa glória será maior justamente por retribuir o favor (χάρις) de Ciro.

Porém, o foco do conto está no triângulo amoroso formado por três personagens ficcionais Panteia, Abradatas e Araspas, afinal trata-se antes de tudo de uma narrativa amorosa. O personagem Araspas já aparecera no livro 1.4.26, mesmo sem ser nomeado. Nessa passagem, quando Ciro está na Média visitando seu avô Astíages, o narrador conta a história da amizade homoerótica do jovem príncipe Ciro com esse jovem medo, a quem Ciro entrega sua túnica meda em sinal de afeição quando está retornando para a Pérsia. É por essa relação de confiança e estima que Ciro pede a ele que tome conta de Panteia, e é também por causa dessa relação que sua paixão pela mulher cativa e suas ações decorrentes disso criam um problema maior em relação à lealdade. De um ponto de vista legal, ao menos de acordo com os códigos de guerra da Antiguidade, Panteia era propriedade de Ciro, um bem que este mereceu pelo seu valoroso comportamento militar. Assim, Araspas não apenas está ameaçando a jovem, mas também traindo seu líder e, nesse sentido, quando Ciro fica sabendo do ocorrido, ele dá a permissão para que Araspas mantenha relações com Panteia, desde que ela também o queira – ou seja, ele permite que Araspas faça uso de seu bem

Esse consentimento é dado por intermédio de Artabázo, que é enviado por Ciro para acalmar Araspas. Embora tenha uma participação pequena no conto, a também

¹³ Essa comparação é sugerida e trabalhada por Azoulay (2018, p.229-267), não apenas na figura de Ciro, mas também a dos outros líderes valorizados nas obras que compõem o *corpus* de Xenofonte.

¹⁴ A cena de despedida de Panteia e Abradatas apresenta uma série de referências intertextuais com a *Ilíada*, especialmente com as passagens de Tétis entregando as novas armas a Aquiles no canto 19, e a da despedida de Andrômaca e Heitor no canto 6. Para uma análise mais detalhada, cf. Sano (2019), Gera, (1993, pp.192-245)

ficcional personagem de Artabazo funciona como um contraponto a Araspas. Ele também é um nobre da Média e desde a infância demonstra um amor excessivo para Ciro, e há, aparentemente, uma tensão nesse pequeno triângulo homoafetivo, Araspas-Ciro-Artabazo, pois, como nota Azoulay (2018, p.256-259), Ciro dá mostras de um certo favoritismo por Araspas, o que, se de um lado, causa ciúmes em Artabazo, por outro lado, sempre o incentiva a ser o melhor aliado possível de Ciro para ganhar a mesma estima. Artabazo nesse sentido, encarna o sujeito amoroso pronto para fazer qualquer coisa para agradar seu líder, o que talvez justifique o modo agressivo com que ele trata Araspas, criticando-o além das ordens recebidas por Ciro. Araspas, todavia, recebe a clemência de Ciro e, assim, torna-se um importante aliado ao ser enviado como espião à Lídia. Em seu retorno, perto da batalha de Thymbrara, traz valiosas informações do funcionamento do exército inimigo, e recupera entre os persas a boa reputação.

Abradatas, esposo de Panteia, representa o guerreiro elevado de tons épicos, Comparado a Ciro, tanto na nobreza quanto na beleza, ele mostra que o valor moral do líder é mais importante do que os laços militares e políticos, pois deserta do Rei Assírio, o rei desmedido que tentou separá-lo de sua esposa, para juntar-se a Ciro. Assim como Panteia, suas aparições estão sempre enoveladas pela beleza, seja a física, seja a das armaduras e dos carros, e na batalha de Thymbara ele demonstrará todo o seu valor guerreiro. Abradatas, tanto ao escolher a posição mais perigosa para a batalha, quanto ao atacar com impetuosidade a ala egípcia, sempre busca agradar a esposa e a Ciro, porém, com certa ironia trágica, ele é morto pela sua própria impetuosidade e despedaçado pelas foices dos seus carros falcados, invenção atribuída a Ciro.

Nesse universo masculino, é, todavia, a personagem de Panteia e seu esplendor que atraem a atenção principal da narrativa. Quero apenas chamar a atenção, nesta introdução, para o desenvolvimento da personagem no conto. Em sua primeira aparição (4.6.11), ela não é nomeada e, entre os espólios de guerra, é referida e caracterizada como “a mais bela” (καλλίστην), o mesmo adjetivo usado para descrever uma tenda que também coube a Ciro. Na sequência (5.1.2), o narrador diz que Ciro pediu a Araspas que tomasse conta da mulher e da tenda (τήν τε γυναῖκα καὶ τὴν σκηνήν). Inicialmente, essa descrição e ausência de personificação evocam os epítetos épicos usado por Homero no Canto 3 da *Ilíada* para referir-se a Helena e seus pertences¹⁵, e se por um lado essa comparação equipara a beleza de Panteia à da heroína mítica, por outro, essa

¹⁵ Ἑλένη καὶ κτήμασι πᾶσι 3.70, 91, 282.

representação desqualifica a mulher como um pertence de guerra, objetificando-a ao compará-la à tenda. Essa mesma objetificação continuará na sequência do conto quando Araspas e Ciro discutirão sobre o poder do amor. Panteia, personagem ausente da cena, é referida pela sua beleza, mas essencialmente como objeto a ser visto e contemplado. Araspas urge Ciro a ir contemplá-la (θεάομαι), não apenas vê-la (ὁράω), e como nota Chantraine (1968, p.425), se ὁράω implica apenas percepção sensorial da visão, o verbo θεάομαι, do radical -θέα, implica também a qualidade visual do que é visto, o seu caráter de espetáculo. Como objeto de contemplação, ela inspira o amor e desejo em Araspas que, por não conseguir seduzi-la, a ameaça tomá-la com violência, e, neste sentido, o perigo do amor, que pode levar o homem a agir contrário às normas sociais e às suas próprias convicções, vincula-se à contemplação da beleza. O próprio consentimento que Ciro dá a Araspas, ao não se opor a relação caso ele conseguisse seduzi-la, indica esse papel passivo e objetificado de Panteia, o que também se dá na frase um tanto obscura de Artabazo que, na acusação que faz a Araspas, a chama de “depósito” (παρακαταθήκη), indicando que a sua acusação é menos pelo fato de ameaçar com um abuso sexual uma mulher prisioneira do que por tê-lo feito a *algo* que pertencia a Ciro (6.3.34-35).

Porém, é a partir dessa passagem que a mulher ganha uma personalidade e passa a mostrar-se ativa na narrativa, e, não por acaso, é nessa passagem que ela é nomeada pela primeira vez. O nome Panteia, “Toda-divina” – que diferente da dos outros personagens do conto é um nome grego – evoca imediatamente a primeiras das mulheres, Pandora, “Presente de todos os deuses”, segundo Hesíodo (*Trabalhos e dias*, vv.42-105); contudo, se ela compartilha com a sua antecessora a beleza e atração física, seu comportamento mostra um caráter mais elevado, que não traz prejuízo a quem dela se apaixona e se aproxima, e sim benefícios. A própria relutância da personagem a contar para Ciro sobre as investidas de Araspas é justificada pelo narrador como tentativa de não criar uma inimizade entre os amigos, e apenas quando é fisicamente ameaçada que ela toma essa atitude. Assim que Araspas é enviado em sua missão de espionagem, Panteia pede a Ciro permissão para enviar uma mensagem ao seu marido e este tornar-se-á um valioso aliado do persa. É, porém, na cena de despedida que Panteia mostra seu esplendor de caráter, à medida em que, diferentemente de Andrômaca em sua despedida de Heitor no canto 6 da *Ilíada*, se coloca como uma incentivadora para que Abradatas aja com valor na guerra. Panteia encarna nesta passagem, em alguma medida, o ideal épico da “bela

morte¹⁶”, primeiramente, ao fazer de suas joias armas para o marido para que ele fosse o mais belo no campo de batalha e depois em preferir a morte ao lado de um marido valoroso do que uma vida desonrada. Assim, a personagem de Panteia trafega de *gérás*, espólio de guerra, à heroína ativa na busca pelas honras.

A mudança do papel passivo a ativo da personagem também é marcada pela repetição da expressão Θάρρει, ὦ γύναι (“Coragem, mulher!”), dito duas vezes no conto; na primeira (5.1.6), o mais velho dos homens que foram pegar os espólios de Ciro diz a Panteia que tenha coragem, pois o homem a quem ela pertencerá é tão belo e nobre quanto o seu marido, o que leva a cativa a chorar e rasgar o seu peplo, imaginando o seu futuro de servidão selado; na segunda passagem, na cena de despedida do casal, Abradatas ordena que ela pare de segui-lo e volte para a sua tenda; uma variação dessa expressão ocorre já no final da narrativa, quando Ciro, vendo o corpo morto e despedaçado de Abradatas e a desolação de Panteia, a exorta (Ἀλλ' οὗτος μὲν δῆ, ὦ γύναι) a se acalmar. No entanto, ele completa a sua exortação indicando a mulher que a dará a quem ela quiser, tratando-a, ainda, como uma espécie de bem cuja autonomia está apenas em escolher quem será seu guardião: “você não ficará abandonada, mas eu a honrarei pela sua temperança e todas as outras virtudes e demais qualidades, e te unirei a quem te leve para onde você queira ir; apenas, indique-me com quem você deseja ir” (7.3.12). A resposta de Panteia é cheia de ressonância irônica e trágica, pois tanto brinca com essa repetida exortação, quanto indica a sua decisão futura: “Coragem, Ciro, não te esconderei com quem desejo ir” (Ἀλλὰ θάρρει, ἔφη, ὦ Κῆρε, οὐ μὴ σε κρύψω πρὸς ὄντινα βούλομαι ἀφικέσθαι, 7.3.13).

Além disso, nessa cena final percebe-se, diante do cadáver mutilado de Abradatas, o arrependimento de Panteia em ter incentivado o marido a ser valoroso na guerra para agradar a Ciro, para retribuir-lhe o valor, e a personagem, como poucos têm coragem durante toda a *Ciropedia*, acusa o príncipe persa abertamente de causador da morte de seu marido, criando um desconforto no príncipe, pois, como nota Sano (2019, p.143), “A visão do corpo mutilado de Abradatas, porém, causa desconforto e atenua a impressão de uma morte heroica. [...] Sua morte expõe de forma problemática o código de liderança de Ciro, cujo fundamento se encontra na total devoção a ele.” Na sequência, sozinha, Panteia se suicida e, como uma das tantas personagens femininas de Eurípides, toma a principal decisão de sua vida levada antes de tudo pela paixão do que pela razão.

¹⁶ Para uma análise do conceito de “bela morte” na épica homérica, cf. Vernant, 1979.

A seguinte tradução foi feita a partir do texto grego publicado na edição Loeb Classical Library (1914), acompanhada da tradução de Walter Miller; com comparações com as edições publicadas pela Les Belles Lettres, com texto editado por E. Délebecque (1978). Procurou-se, inicialmente, preservar as nuances textuais do conto em que se mesclam uma narrativa de guerra, diálogo filosófico e conto amoroso; além disso, buscou-se manter o tom épico e poético de certas passagens, buscando encontrar equivalentes vocabulares para os estranhamentos do texto original, como palavras raras na prosa do século V e IV e que fazem referências à epopeia. Para isso, as análises e comentários de Baragwanath (2010), Gera (1993) e Sano (2019), bem como as lições de Gautier (1911), ajudaram essencialmente na identificação de tais elementos.

Referências

- AZOULAY, V. **Xenophon and the graces of power**. A Greek guide to political manipulation. Translate by Angela Krieger. Wales; Bristol: The Classical Press of Wales, 2018.
- BARAGWANATH, E. Xenophon's Foreign Wives. In: GRAY, V. (ed.). **Xenophon: Oxford readings in classical studies**. New York; Oxford: Oxford University press, 2010. pp.41-71.
- BRANDÃO, J. L. **A Invenção do Romance**. Brasília: Editora UNB, 2005.
- CHANTRAINE, P. **Dictionnaire étymologique de la langue grecque**. Paris: Klincksieck, 2009.
- DUE, B. **The Cyropaedia. Xenophon's aims and methods**. Aarhus: Aarhus University Press, 1989.
- _____. Xenophon of Athens: the Cyropaedia. In: SCHMELING, G. **The novel in the ancient world**. Boston: Brill Academic Publishers, 2003. pp.581-600.
- GAUTIER, L. **La langue de Xénophon**. Genève: Université de Genève, 1911.
- GERA, D. **Xenophon's Cyropaedia. Style, genre, and literary technique**. New York: Oxford University Press, 1993.
- HESÍODO. **Os Trabalhos e os dias**. Estudo, tradução, introdução e notas de Alessandro Rolim de Moura. Curitiba: Segesta, 2012.

- HOMERO. **Ilíada**. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.
- _____. **Odisseia**. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- HOLZBERG, N. The Genre: Novels proper and the fringe. In: SCHMELING, G. (Ed). **The novel in the ancient world**. Boston: Brill Academic Publishers, 2003. pp.11-28.
- LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. **A greek-english lexicon**. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- PLUTARCH. **Moralia**. Texto grego estabelecido por Gregorius N. Bernardakis. Leipzig: Teubner, 1895. Vol. 6
- REICHEL, M. Xenophon's *Cyropaedia* and the Hellenistic Novel. In: HOFFMAN, H. (ed.). **Groningen Colloquia on the Novel**, vol.VI, 1995, p.1-20.
- SANO, L. Homero e Xenofonte: Panteia, Abradatas e a Guerra de Ciro. **Classicas**, v. 32, n. 1, p. 131-146, 2019.
- STADTER, Philip. The fictional narrative in the *Cyropaedia*. In: GRAY, V. (ed.). **Xenophon: Oxford readings in classical studies**. New York; Oxford: Oxford University press, 2010. pp.367-400.
- TATUM, J. **Xenophon's imperial fiction: the Education of Cyrus**. New Jersey: Princeton University Press, 1989.
- TUPLIN, C. Xenophon's *Cyropaedia*: Fictive history, Political analysis and thinking with Iranian Kings. In: MITCHEL, L.; MELVILLE, C. **Every inch a King**. Comparative studies on King and Kingship in the ancient and medieval worlds. Leiden; Boston: Brill, 2013. pp.67-90.
- VERNANT, Jean-Pierre. A bela morte e o cadáver ultrajado. Trad. Elisa A. Kossovitch e João A. Hansen. **Discurso**, n. 9, p. 31-62, 1979.
- XENOFONTE. **A educação de Ciro**. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1965.
- _____. **Memoráveis**. Tradução de Ana Elias Pinheiro. São Paulo: Annablume Clássica; Coimbra: CECH, 2011.
- XENOPHON. **Cyropaedia**, Volume I: Books 1-4. Translated by Walter Miller. Loeb Classical Library 51. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1914.
- _____. **Cyropaedia**, Volume II: Books 5-8. Translated by Walter Miller. Loeb Classical Library 51. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1914.

XÉNOPHON. *Cyropédie*. Tome II: Livres III-V. Texte établi et traduit par Marcel Bizos.

Paris: Les Belles Lettres, 1973.

_____. Tome III: livres VI-VIII. Texte établi et traduit par E. Delebecque. Paris: Les Belles Lettres, 1978.

WOOD, N. Xenophon's Theory of Leadership. *Class. Et Med*, 25, 1964. pp. 33–66.

Tradução

*Repartição dos espólios de guerra*¹⁷ 4.6.11 [11] Apresentaram-se então os medos¹⁸, e depois de entregarem aos magos¹⁹ a parte que estes indicaram como reservada aos deuses, separaram para Ciro a tenda mais bela e a mulher de Susa²⁰, que diziam ser a mulher mais bela da Ásia, e duas das melhores cantoras; em seguida, a segunda parte à Ciaxares²¹, e das outras coisas que tinham necessidade estavam repletos para que nada faltasse durante a expedição – pois de tudo havia muito.

Diálogo sobre o amor 5.1.2-18 [2] Ciro, tendo convocado o medo Araspas – aquele mesmo que fora seu companheiro na infância, e a quem presenteou com a túnica meda depois de tirá-la, quando partia da casa de Astíages para a Pérsia²² – ordenou que ele tomasse conta da mulher e da tenda. [3] Essa mulher era a esposa de Abradatas²³ de Susa; quando o acampamento assírio foi capturado, o marido dela calhava de não se encontrar no acampamento, pois partira numa embaixada ao rei de Bactriana²⁴; o rei

¹⁷ Os títulos em itálico são de nossa autoria e têm apenas o intuito de marcar as divisões da narrativa, já que ela não se apresenta na *Ciropedia* de modo contínuo, e sim intercalada à narrativa principal.

¹⁸ O império medo dominava a região mesopotâmica até ser dominada pelo persa Ciro. Na *Ciropedia*, no entanto, existe uma aliança política entre os dois países e a submissão se dá pela excepcional qualidade de liderança de Ciro, não pela guerra. Ciro, além disso, é na *Ciropedia* filho de Cambises, rei da Pérsia, e de Mandane, princesa da Média, filha do rei Astíages, o que significa que ele traz no seu sangue essa pacífica aliança política ficcionalizada.

¹⁹ Os magos eram os sacerdotes da religião meda.

²⁰ Antiga cidade do oriente próximo, localizada entre o rio Tigres e o golfo pérsico. Ali Ciro, quando se tornar imperador, estabelecerá uma residência para a primavera (8.6.22) por causa da beleza da região.

²¹ Príncipe da Média e tio de Ciro. Segundo Miller (1914a, p.468), trata-se, provavelmente, de um personagem inventado por Xenofonte para servir de comparação a Ciro e, assim, destacar as habilidades de liderança deste.

²² Essa cena é narrada no livro 1.4.26, onde Araspas não é nomeado.

²³ Rei de Susa, personagem fictício.

²⁴ Bactriana ou Bactria, território nas encostas ocidentais do Himalaia.

assírio²⁵ o enviara para acertar uma aliança, pois mantinha relações de hospitalidade com o rei dos bactrianos. Assim, Ciro ordenou a Araspas que tomasse conta dessa mulher até que ele fosse buscá-la. [4] Recebida a ordem, Araspas perguntou:

“Ciro, essa mulher que você me manda cuidar, você já a viu?”

“Não, por Zeus, eu não a vi.”

“Mas eu sim, quando a separamos para você; sem dúvida, ao entrarmos na tenda dela, inicialmente não a identificamos, pois estava sentada no chão e todas as suas servas estavam ao seu redor; com efeito, tinha uma veste²⁶ semelhante às das servas. Mas quando, querendo saber qual delas era a senhora, percorremos a todas com o olhar, e muito rapidamente manifestou-se como ela se distinguia de todas as outras, ainda que se escondesse sentada e olhando para o chão. [5] Quando mandamos que ela se levantasse, se levantaram com ela todas ao seu redor, e então ela se distinguiu, primeiro pela estatura, depois pela nobreza e decoro, ainda que estivesse com um traje humilde. Era evidente que as suas lágrimas escorriam, algumas pelo peplo²⁷, outras até os pés. [6] Aí o mais velho de nós disse: ‘Coragem, mulher! Pois ouvimos que seu marido é belo e nobre, mas com certeza a separamos para um homem que, saiba bem, nem na aparência, nem na inteligência, nem no poder é inferior àquele e nós consideramos que se há algum homem digno de admiração, esse homem é Ciro, a quem pertencerá a partir de agora.’ Assim que a mulher escutou isso, ela rasgou completamente seu peplo, de cima a baixo, e pôs-se a lamentar aos gritos, e as cativas²⁸ gritaram junto. [7] Nisso, revelou-se a maior parte de seu rosto, revelou-se o pescoço e as mãos, e fique sabendo, Ciro, para mim e para todos os outros que a viram, jamais nasceu ou houve mulher, filha de mortais, como essa na Ásia. Com certeza, você deve ir contemplá-la²⁹.”

[8] “Não, por Zeus”, falou Ciro, “muito menos se ela é tal como você descreve.”

²⁵ A Assíria, no período da narrativa, fazia parte do império babilônico, e Xenofonte utiliza esse termo para referir-se ao império. O Rei da Assíria não é nomeado na obra e é caracterizado como uma espécie de oposto de Ciro, no caráter e nas atitudes, representando uma monarquia tirânica em que as paixões do líder estão acima das leis e produzem a corrupção e a decadência interna do governo.

²⁶ A própria ausência de distinção da personagem vem representado pela palavra ἐσθής, que implica um sentido geral para roupa ou veste, sem uma caracterização específica, ao contrário do πέπλος e do ἱμάτιον que aparecerão na sequência da narrativa.

²⁷ O peplo é uma vestimenta feminina colocada sobre as roupas e que envolvia todo o corpo.

²⁸ δμῶή significa “cativa de guerra” e é um termo raro na prosa e tem tons épicos uma vez que é usado por Homero na *Iliada*. Cf. *Il.* 9.658; 18.28; 24.643. Gautier (1911, p.92) sugere que o uso dessa palavra faz reminiscência a cena da *Odisseia* 4.719.

²⁹ A partir desse momento, a conversa entre os personagens distingue o ver (ὁράω) do contemplar ou olhar com admiração (θεάομαι).

“Por quê?”, perguntou o jovem.³⁰

“Porque, se agora, depois de ouvi-lo sobre quanto ela é bela, eu fui persuadido a ir contemplá-la, mesmo não tendo tempo livre, temo que, mais tarde, ela muito mais depressa me convença a ir de novo contemplá-la. Talvez, depois disso, tendo negligenciado das minhas obrigações, eu fique lá sentado contemplando-a³¹.”

[9] O jovem pôs-se a rir e disse: “Então, Ciro, você acredita que a beleza de um ser-humano é capaz de obrigar alguém a agir, mesmo não querendo, contrário ao bem? Se isso fosse fruto da natureza, Ciro, obrigaria a todos igualmente. [10] Observe o fogo, como ele queima a todos por igual? Porque tal é a sua natureza; quanto às coisas belas, uns se enamoram de algumas e não de outras, um ama um, outro ama outro. Pois se trata de uma ação voluntária e cada qual deseja aquilo que quer; assim, por exemplo, o irmão não se apaixona pela irmã, mas outro por ela se apaixona, nem o pai pela filha, mas outro por ela se apaixona, pois o medo e a lei são capazes de impedir esse amor. [11] Mas se por acaso se estabelecesse uma lei que proibisse de ter fome a quem não come, sede a quem não bebe, passar frio no inverno ou calor no verão, nenhuma lei conseguiria que o ser-humano a obedecesse – pois é da natureza ser submetido por essas coisas. Mas o amor é uma ação voluntária; ao menos, cada um deseja de acordo com seu gosto, como os mantos e os sapatos.

[12] “Então,” disse Ciro, “se o amar é voluntário, por que o parar de amar, quando se deseja, não o é? Pois eu tenho visto pessoas chorando de tristeza por causa do amor, e escravizados pelos seres amados, embora antes de amar considerassem a escravidão o pior mal; vejo também eles dando muitas coisas das quais não queriam ser privados, e rezando para se verem livres do amor como se fosse uma doença, sem, contudo, conseguirem se libertar, mas estão presos mais fortemente por essa força³² do que se estivessem agrilhoados com ferros. Pelo menos, se entregam irrefletidamente aos amados

³⁰ O narrador passa a tratar Araspas como νεανίσκος, jovem, porém ele tem mais ou menos a mesma idade que Ciro; parece que há um tom irônico nesse uso, e o narrador, assim, pode estar indicando a imaturidade da reflexão de Araspas a respeito do amor. Além disso, conforme o LSJ (1996), νεανίσκος também pode significar “servo”, e, nesse sentido, Xenofonte, por meio de Ciro, está marcando a superioridade hierárquica deste em relação a Araspas.

³¹ Nas *Memoráveis* de Xenofonte (3.11), Sócrates e seus convivas vão encontrar-se com a bela Teodota um dos presente diz sobre a contemplação e seus perigos: “[...] Nós, pelo contrário, estamos aqui cheios de vontade de tocar no que vemos, vamo-nos embora desconsolados e, quando estivermos longe, estaremos cheios de saudades. Por essa razão nós somos os adoradores e ela a adorada.” (3.11.3).

³² ἀνάγκη é uma força que constrange alguém a agir, palavra que, por isso, muitas vezes é traduzida por necessidade ou fatalidade.

para servi-los em muitas coisas e não tentam fugir, mesmo com esses males, mas vigiam³³ seus amados para que não fujam.”

[13] A isso o jovem contestou: “De fato, eles não fazem isso, mas esses são uns miseráveis³⁴. É por essa razão, penso, que rezam clamando pela morte, pois são uns infelizes, e mesmo havendo milhares de meios de se libertar da vida, não se livram. Esses são os mesmos que tentam roubar e não se afastam dos bens alheios, mas quando arrebatam ou roubam, não vê que você é o primeiro a culpar o ladrão e o gatuno, por não considerar o roubo uma coisa inevitável, e não os perdoa, mas os castiga? [14] Do mesmo jeito, os seres belos não constroem nenhum ser humano a amá-los nem ansiar o que não devem, porém, os homenzinhos miseráveis, penso, são impotentes diante de todos os desejos, e depois acusam o amor; os belos e bons, ao contrário, mesmo desejando ouro, bons cavalos e belas mulheres, mantém-se afastados de todas essas coisas de modo que não se apoderam delas de modo contrário à lei³⁵. [15] Eu mesmo, embora tenha visto essa mulher que pareceu muito bela, contudo, estou aqui contigo, montado em meu cavalo e cumpro os deveres que me cabem.”

[16] “Sim, é verdade, por Zeus; mas talvez você tenha partido mais rápido do que o tempo necessário para que o amor naturalmente domine o homem. Com efeito, é possível tocar o fogo sem se queimar imediatamente, e nem a madeira se inflama instantaneamente. Apesar disso, eu ao menos não toco com deliberação o fogo, nem fico admirando os seres belos. Também aconselho você, Araspas, a não deixar o seu olhar repousar sobre os seres belos, pois tal qual o fogo queima quem o toca, os belos excitam até quem os contempla de longe, a ponto de arderem de amor.”

[17] “Coragem, Ciro! Mesmo que eu jamais parasse de contemplá-la, não seria dominado a ponto de não cumprir os meus deveres.”

³³ O verbo φυλάσσω é usado na narrativa tanto no sentido de tomar conta, quanto no de montar guarda. A ironia se dá no fato de Ciro pedir a Araspas que “tome conta de” Panteia, porém, apaixonado, enquanto a vigia, torna-se o seu carcereiro.

³⁴ O termo usado por Araspas é μοχθηρός, cujo radical μόχθος indica algo de má qualidade por ter sofrido penas ou fadigas, e nesse sentido o vocábulo “miserável” em português parece se adequar já que comumente indica tanto alguém de má qualidade moral quanto alguém que está em uma situação de penúria, especialmente financeira. Jaime Bruna, em sua tradução (1965), se utiliza do termo “coitado”, porém, nos parece ao menos que no português de hoje, essa palavra nos soaria como se Araspas tivesse pena do μοχθηρός, o que não é o caso.

³⁵ Δίκαιος é usado aqui tanto no sentido de lei humana quanto no sentido de normas sociais. Há que se ressaltar que na cultura grega o incesto, proibido entre os seres humanos, era praticado pelos deuses. Do mesmo modo, toda a conversa entre Ciro e Araspas mostra-se pouco realista, uma vez que, em várias regiões do oriente próximo, o incesto se sabe que, ao menos entre as famílias reais e aristocratas, era praticado e aceito, os dois personagens parecem dois gregos conversando.

“Você fala belamente! Pois bem, vigie-a como lhe ordeno e cuide dela, pois talvez ela tenha vindo para o nosso lado em um momento muito oportuno.”

[18] Depois dessa conversa, se separaram. O jovem, ao mesmo tempo em que via a bela mulher, também percebia a nobreza dela, e enquanto a servia querendo agradá-la, sentia que ela não lhe era ingrata, mas, por intermédio de suas servas, cuidava para que ele, ao entrar, encontrasse tudo o que precisava e não lhe faltasse nada para o caso de ele cair doente, e por todas essas coisas, ele foi aprisionado pelo amor, e talvez não seja nada extraordinário que isso lhe acontecesse. E assim estavam as coisas.

Araspas apaixonado 6.1.31-51 [31] Ciro, querendo enviar um espião à Lídia³⁶ para descobrir as ações do Assírio, pareceu-lhe adequado para a missão Araspas, o guarda da bela mulher. Pois a Araspas ocorrera o seguinte: tomado de amor pela mulher, se viu constrangido a propor-lhe relações sexuais³⁷. [32] Ela recusou e manteve a fidelidade ao marido, mesmo estando ele ausente, pois o amava muito; todavia, não denunciou Araspas a Ciro, relutando em criar uma desavença entre amigos. [33] Mas quando Araspas, pensando que poderia submetê-la para realizar os seus desejos, ameaçou a mulher dizendo que, se ela não quisesse de bom grado, a obrigaria, ela, com medo da violência, não mais encobriu a situação, mas enviou um eunuco a Ciro e ordenou que ele lhe contasse tudo. [34] Depois de ouvi-lo, Ciro pôs-se a rir de quem afirmava ser mais poderoso do que o amor; enviou Artabazo³⁸ com o eunuco e mandou dizer-lhe que não violentasse essa mulher, mas se conseguisse persuadi-la, ele não iria impedir. [35] Ao encontrar-se com Araspas, Artabazo o censurou, e, chamando a mulher de depósito³⁹, acusou-o de ímpio, injusto e fraco, a ponto de Araspas chorar copiosamente de tristeza, afundar de vergonha e sucumbir de medo do castigo que receberia de Ciro. [36] Ciro, então, informado disso, mandou chamá-lo e a sós disse:

³⁶ Região da Ásia Menor muito rica até tornar-se parte do império medo-persa com a invasão de Ciro.

³⁷ A συνουσία refere-se à uma relação de intimidade sexual apenas quando relacionado ao ἔρωρ, podendo, em outros contextos de φιλία, significar a visita com frequência à casa de um amigo ou a um banquete.

³⁸ Artabazo é personagem ficcional. Nobre da Média, desde a infância tem uma relação homoafetiva com Ciro e, por isso, mostra-se um fiel aliado do príncipe e, nesse sentido, encarna o sujeito amoroso pronto para fazer qualquer coisa para agradar seu líder. Em alguma medida, seu comportamento serve de comparação com o de Araspas, o que talvez justifique o modo agressivo com que ele o trata, criticando-o além das ordens recebidas por Ciro. Cf. Azoulay, 2018, p.256-259.

³⁹ Panteia, que ainda não foi nomeada no conto, é tratada aqui como παρακαταθήκη, um depósito, um bem de Ciro a quem Araspas fazia a guarda. Conforme comentamos na introdução, essa passagem representa bem o caráter passivo da personagem nesse momento da narrativa, enquanto objeto de contemplação e posse dos homens que participam da guerra. É interessante que a personagem passa a ser mais ativa na narrativa à medida que é nomeada.

“Vejo, Araspas, que você tem medo de mim e sente com veemência a sua vergonha. Mas pare com isso! Com efeito, eu ouço que os deuses são subjugados pelo amor e sei o quanto os homens sofrem por causa do amor, mesmos aqueles considerados muito sensatos; e eu mesmo reconheço que não seria forte a ponto de me descuidar na companhia de belas pessoas. E da sua dificuldade, sou eu o culpado, pois eu te encarcerei junto com esse problema invencível.”

[37] E Araspas, interrompendo-o, disse: “Mas você, Ciro, nisso como em tudo mais, é dócil e indulgente com os erros humanos; por outro lado, os demais homens me afundam em aflição, pois quando o rumor de minhas desgraças se difundiu, enquanto meus inimigos se alegraram, meus amigos, tendo se aproximado, aconselhavam-me a me manter longe para não ser castigado por você, como se eu tivesse cometido uma grande injustiça.”

[38] “Pois bem, Araspas, saiba que justamente por causa dessa fama, é possível a você me prestar um enorme favor e ser de grande utilidade aos aliados.”

“Oxalá eu possa voltar a ser útil a você neste momento oportuno”, disse Araspas.

[39] “Pois bem! Se você quiser, fingindo que foge de mim, ir para o lado inimigo, creio que você teria a confiança dos inimigos.”

“Creio que sim, por Zeus! E sei que também poderia espalhar entre os amigos o boato de que fugi de você.”

[40] “Então, você retornaria para nós com todo o conhecimento sobre os inimigos. E acredito que, por confiarem em ti, te fariam partícipe das reuniões e deliberações, de modo que não te escaparia nada do que queremos saber.”

“Então, partirei agora mesmo; pois talvez uma das provas seja parecer que fugi por estar na iminência de receber um castigo.”

[41] “E por acaso poderá abandonar a bela Panteia⁴⁰?”

“Sim, Ciro, pois eu tenho claramente duas almas⁴¹; filosofei agora sobre isso com esse injusto sofista, o Amor. Por certo não é possível que, sendo a alma uma só, ela seja ao mesmo tempo boa e má, nem ao mesmo tempo amar as ações belas e as vergonhosas,

⁴⁰ Pela primeira vez “a bela mulher de Susa” é nomeada e indica aproximadamente “Toda-divina”. Seu nome evoca o de Pandora, “Presente de todos os deuses”, a primeira mulher, segundo Hesíodo (*Trabalhos e dias*, vv.42-105).

⁴¹ Nas *Memoráveis* (1.2.23), diz Sócrates: “Como é que não há-de-ser possível, então, que aquele que antes foi sensato possa depois deixar de o ser e que aquele que era capaz de praticar ações justas possa depois agir injustamente? De resto, quer-me a mim parecer que tudo quanto é perfeito deve-se ao treino, e isso não é menos verdade em relação à sensatez. Mais, é que, no corpo, lado a lado com a alma, estão instalados os prazeres, que a persuadem a não ser sensata e a que seja rápida a contentá-los a eles e ao corpo.”

nem ao mesmo tempo querer e não querer realizar tais coisas, mas é evidente que duas são as almas, e quando a boa domina, se realiza boas ações, porém quando domina a perversa, busca-se as baixezas. Agora, como ela te tomou como aliado, é a boa que domina, e completamente.”

[42] “Bem, se você está decidido a marchar, deve agir da seguinte maneira para que seja o mais crível para os inimigos; informe-os da nossa situação, mas os informa de um modo que o que você relatar seja o maior obstáculo para realizarem seus objetivos. E seria um obstáculo se dissesse que estamos nos preparando para atacar algum ponto do seu território; pois, depois de ouvirem isso, é menos provável que se concentrem com todas as forças, cada um temendo por seus próprios bens familiares. [43] E permaneça com eles o máximo de tempo possível, pois saber o que farão quando estiverem o mais próximo de nós será nossa principal vantagem. Aconselhe-os, também, a dispor as tropas do jeito que te parecer melhor, pois, quando você for embora, embora considerem que você conhece a formação deles, ainda assim serão obrigados a mantê-la; com efeito, hesitarão em alterá-la, e se por acaso a alterarem por outra repentinamente, as fileiras se confundirão.”

Assim, Araspas, depois de sair, reuniu os seus servos mais fiéis e, tendo dito para alguns o que considerava útil para a missão, partiu.

[45] Panteia, ao ficar sabendo que Araspas partira, enviou a Ciro uma mensagem e disse: “Não se incomode, Ciro, por Araspas ter partido para o lado inimigo, pois, se me permitir enviar uma mensagem a meu marido, eu lhe prometo que chegará um amigo muito mais fiel que Araspas; e sei também que se apresentará com uma tropa tão numerosa quanto puder, pois o pai do atual rei era seu amigo, mas o rei atual tentou nos separar, meu marido e eu; portanto, por considerá-lo um insolente, tenho certeza que se afastará feliz para o lado de um homem como você.”

[46] Ao ouvir isso, Ciro mandou que ela enviasse a mensagem ao marido, e ela assim o fez. Quando Abradatas reconheceu a insígnia⁴² da esposa e ficou sabendo por outras fontes o que se passara, contente marchou para o lado de Ciro, com cerca de mil cavalos. Quando se aproximou dos guardas persas, enviou uma mensagem a Ciro anunciando quem era. Ciro, então, ordenou que o conduzissem imediatamente para junto da esposa. [47] Quando se viram a mulher e Abradatas, se beijaram como é natural depois

⁴² O σύμβολον é um sinal de reconhecimento, qualquer indício que sirva como prova de identidade. O narrador não especifica qual é esse sinal, porém há de se imaginar, pelo contexto, que se trate de algum tipo de sinete real marcado na mensagem.

de tanta desesperança. Depois disso, Panteia passa a falar da piedade de Ciro, da sua moderação e da compaixão para com ela. Tendo ouvido isso, Abradatas disse:

“O que eu poderia fazer, Panteia, para retribuir a Ciro o favor, por você e por mim?”

“Que outra coisa senão tentar ser com ele tal qual ele foi contigo?”

[48] Em seguida, Abradatas foi se encontrar com ele; assim que o viu, tomou a sua destra e disse: “Em troca do bem que nos fez, Ciro, não posso dizer algo melhor do que dizer que me entrego como seu amigo, servo e aliado, e naquilo que eu veja você se empenhando, procurarei ser o melhor colaborador que eu puder.”

[49] “E eu por certo o acolho. Mas agora, deixo-o livre para jantar com sua esposa; mais tarde, deverá ser recebido em minha tenda com seus amigos e os meus.”

[50] Depois disso, quando Abradatas viu que Ciro se ocupava com carros falcados⁴³ e com cavalos e cavaleiros encouraçados, buscou contribuir com cerca de cem carros de sua própria cavalaria semelhante aos dele, e ele mesmo se preparava para conduzi-los sobre seu carro. [51] Atrelou seu carro de quatro timões e oito cavalos. [Sua esposa Panteia, com suas próprias joias, fez para ele uma couraça dourada, um elmo de ouro e igualmente os braceletes⁴⁴.] Quanto aos cavalos do carro, Abradatas guarneceu com protetores todos de bronze.

*O retorno de Araspas*⁴⁵ 6.3.14-21 [14] Histaspas saiu e foi se armar; os soldados de campo avançaram prontamente, seguindo as suas ordens. Vai, então, ao encontro deles, dentro das atalaias, o homem enviado anteriormente como espião, o guarda da mulher de Susa, com seus ajudantes. [15] Ciro, ao ouvir isso, tendo saltado do trono, foi ao encontro dele e se pôs a saudá-lo; os outros, como naturalmente não sabiam de nada, ficaram perplexos diante desse ato, até que Ciro disse: “Amigos, vem até nós um homem valoroso. Já é hora de todos os homens conhecerem seus feitos. Ele não partiu abatido por nenhuma vergonha, nem por medo, mas sim enviado por mim para que, descobrindo a situação dos inimigos, nos transmitisse informações seguras do que está acontecendo. [16] O que eu lhe prometi, Araspas, eu guardo em mim e lhe darei com a ajuda de todos esses. É justo

⁴³ Carros armados com foices nas rodas de cerca de 1 metro de extensão. Na *Ciropedia*, Xenofonte atribui a invenção a Ciro, o velho, informação histórica que não é consensual. Cf. Nefiodkin, A. K. On the Origin of the Scythed Chariots. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, 53 (3), 2004, pp. 369–378.

⁴⁴ A passagem entre colchetes é omitida por alguns editores que a consideram espúria.

⁴⁵ Os eventos seguintes ocorrem antes e depois da batalha de Thymbara, cidade da Lídia, perto da capital Sardis e às margens do Rio Pactólo. Com a vitória do exército persa nessa batalha, Ciro domina a Lídia e seu rei Cresus.

que todos vocês, homens, o honrem como um homem nobre, pois, pelo nosso bem, ele se arriscou e suportou a acusação que pesava sobre ele.”

[17] Depois disso, todos abraçaram e saudaram a Araspas. Após Ciro falar que aquilo era suficiente, disse: “O que convém que saibamos, Araspas, conte-nos; não diminua em nada a verdade nem inferiorize as forças dos inimigos. Pois, é melhor imaginar que é mais forte e ver que é menos do que ouvir que é menos e descobrir que é mais.”

[18] “E por certo, eu estaria em condições de com máxima precisão saber o número do exército que formaram, pois eu mesmo estive presente quando se alinharam.”

“Então, você não conhece apenas a quantidade, mas também a formação deles.”

“Sim, por Zeus, e como planejam fazer a batalha, também.”

“Mas, todavia, fale-nos primeiro dos números resumidamente.”

[19] “Pois bem! Todos eles estão formados em trinta linhas de profundidade entre a infantaria e a cavalaria, exceto os egípcios, e se estendem em torno de quarenta estádios, pois me ocupei muito em descobrir quanto território ocupavam.”

[20] “E como os egípcios estão formados? Já que você disse ‘exceto os egípcios’.”

“Os miriarcos⁴⁶ os formaram em grupos de cem em toda parte para cada companhia de dez mil, pois diziam que essa formação era costume em seu país. Creso⁴⁷, com efeito, com muita má vontade concordou que fizessem tal formação, pois queria estender as linhas do seu exército ao máximo.”

“E por que queria isso?”

“Por Zeus! Para lhe fazer o cerco com o excesso de linhas.”

“E certamente esses não saberiam se os que cercam não acabariam sendo cercados. [21] Bem, escutamos o que convinha aprender de você, e vocês, homens, é preciso que ajam assim: agora, quando marcharem daqui, inspecionem o equipamento tanto dos cavalos quanto as suas armas, já que, com frequência, a falta de uma pequena coisa torna inútil um homem, um cavalo ou um carro; amanhã cedo, enquanto eu realizo os sacrifícios, primeiro é preciso que se alimentem homens e cavalos, para que não sintamos falta disso e estejamos sempre prontos para agir. Depois, você, Arsamas,⁴⁸

⁴⁶ Comandante de um contingente formado por mil homens.

⁴⁷ Rei da Lídia.

⁴⁸ Os manuscritos apresentam o nome de Araspas, porém trata-se de um erro dos copistas. As edições modernas, seguindo a narrativa da batalha apresentada depois, onde nenhum comando é dado a Araspas, corrigem o nome para Arsamas.

[assuma a ala esquerda, e você, Crisantas⁴⁹,] a ala direita, como agora, e os outros miriarcos mantenham a posição de agora; de fato, no momento do combate, não haverá oportunidade de mudar os cavalos de nenhum carro. Mandem também os taxiarcas⁵⁰ e comandantes a formarem a falange, dispondo cada pelotão em duas linhas.” [Cada pelotão era composto de vinte e quatro homens.]

Despedida de Panteia e Abradatas 6.3.35-6.4.11 [35] Desse modo Ciro alinhou a formação. Abradatas, o rei de Susa, disse: “Eu, Ciro, me ofereço voluntariamente para ocupar a posição frente à falange⁵¹, caso você não se oponha a isso.” [36] Ciro, admirado com ele e tendo apertado a sua mão, perguntou aos persas no comando dos outros carros: “Vocês estão de acordo com isso?” Como eles responderam que não seria conveniente aceitar isso, ele os sorteu, e coube a Abradatas o posto a que se oferecera, que se colocou em frente aos egípcios. [37] Então, eles se retiraram e, depois de se ocuparem das tarefas referidas, estabeleceram as guardas e foram dormir.

4. [1] Na manhã seguinte, enquanto Ciro realizava os sacrifícios, o resto do exército, tendo almoçado e feito libações, se armou com muitas e belas túnicas, muitas e belas couraças e elmos; armaram os cavalos com testeiras e arreios, os montados com protetores nas coxas e os enganchados nos carros com armaduras nos flancos, de modo que todo exército reluzia de bronze e resplandecia em púrpura. [2] O carro de Abradatas, de quatro timões e oito cavalos, encontrava-se lindamente ornado. Quando ia vestir a couraça de linho, como era costume entre os seus, Panteia lhe traz uma dourada, um elmo também dourado, braceletes e pulseiras largas para os punhos das mãos, uma túnica púrpura pregueada de cima até os pés e um penacho da cor do jacinto. Fez esses adornos às escondidas do marido, tomando as medidas pelas armas dele. [3] Abradatas, ao ver tudo isso, admirou-se e disse a Panteia:

“Espero que você, mulher, não tenha destruído as suas joias para me fazer as armas.”

“Não, por Zeus, ao menos não a mais valiosa, pois se você se mostrar aos demais do jeito que eu mesmo o vejo, você será a minha joia mais preciosa.” Enquanto dizia isso,

⁴⁹ A passagem entre colchetes não se encontra nos manuscritos. Seguimos a emenda proposta na edição da Loeb (1914b), que completa o problema do manuscrito com a informação fornecida posteriormente na narração da batalha. Crisantas é um personagem possivelmente ficcional que, pela fidelidade e serviços prestados a Ciro, passa, na *Ciropedia*, de capitão das tropas persas a sátrapa da Lídia e da Jônia quando estas são anexadas ao império persa (*Cirop.* 8.6.7).

⁵⁰ Comandante das tropas de infantaria.

⁵¹ Essa era considerada a posição mais perigosa da batalha.

vestiu-lhe as armas e, por mais que tentasse ocultar, as lágrimas escorriam pela face⁵². [4] Quando Abradatas, que antes já era digno de ser contemplado, se adornou com essas armas, reluziu um aspecto belíssimo e nobilíssimo, porque também a natureza o favorecia; tomou as rédeas de seu auriga⁵³ e já se preparava para subir no carro. [5] Nisso, Panteia, que mandara que todos os presentes se afastassem, disse:

“Abradatas, se alguma vez uma mulher honrou mais o seu marido do que a própria alma, acredito que você me reconhece entre essas. Por que seria necessário eu enumerar cada uma das provas? Pois penso que minhas ações fornecem provas mais convincentes do que palavras ditas agora. [6] Apesar de tal afeição que você sabe eu ter por você, lhe juro, pelo meu e o seu amor, que preferiria envolver-me na terra contigo, sendo um homem valoroso, do que viver desonrada, contigo desonrado; pois eu considero a você e a mim dignos das mais belas glórias. [7] E a ti, Ciro, julgo que devemos a maior gratidão, pois, quando me tornei prisioneira e fui escolhida para ele, não achou correto me possuir como escrava nem como liberta de nome infame, mas guardou-me para você como se tivesse tomado a mulher de um irmão. [8] Ademais, quando o meu vigia, Araspas, desertou, prometi-lhe que se me deixasse enviar uma mensagem para você, viria para o lado dele um homem muito mais leal e valente do que Araspas.”

[9] Ela disse isso; Abradatas, encantado com tais palavras, pôs a mão sobre a cabeça dela e olhando aos céus orou: “Zeus grandíssimo, permita que me revele um esposo digno de Panteia e um amigo digno de Ciro, que nos honrou.” Dito isso, subiu ao carro pelas portas da boleia. [10] Depois que subiu, o auriga fechou o carro e Panteia, como não tinha outro meio de beijá-lo, ternamente encostou os lábios na boleia. O carro já partia, e ela, escondida, o seguia, até que Abradatas, ao fazer a volta, a viu e disse: [11] “Coragem, Panteia! Adeus e volte agora.” Depois disso, os eunucos e as servas, tendo a segurado, a levaram até a carruagem onde a reclinaram e a cobriram inteiramente com o toldo. Os homens, por sua vez, embora o espetáculo de Abradatas e seu carro fosse belo, não conseguiram contemplá-lo antes de Panteia partir.

Formação para a batalha 7.1.15-18 [15] Quando [Ciro], na revista, se deparou com Abradatas, deteve-se. Abradatas, depois de entregar as rédeas ao auriga, foi até ele;

⁵² Segundo Gautier (1911, p.93), toda a frase “ἐλείβετο δὲ αὐτῇ τὰ δάκρυα κατὰ τῶν παρειῶν” repercute o tom patético pelo uso dos termos λείβω e παρειά, mais usados na poesia do que a prosa.

⁵³ Segundo Sano (2019, p.140), o termo ὑφηγίος é usado por Xenofonte apenas no conto de Panteia, enquanto, no restante da obra, aparece o termo mais comum ἡνίοχος. Além disso, ὑφηγίος também usado na *Iliada* 6.19.

acorreram também os demais soldados alinhados perto, tanto da infantaria quanto os condutores de carros. Ciro, por sua vez, começou a falar em meio aos presentes: “O deus, Abradatas, como você exigia, considerou você e os seus dignos de estarem na primeira fila dos aliados; assim, quando estiver prestes a combater, lembre-se disto: persas serão os que o contemplarão e eles o seguirão e não permitirão que você combata isolado.”

[16] “Bem, Ciro,” disse Abradatas, “do nosso lado parece-me que as coisas estão bem, mas me aflige os flancos, pois vejo as alas dos inimigos fortes, desdobradas com carros e toda espécie de frota; à nossa frente, no entanto, não alinharam nada além do que carros, de modo que eu mesmo, se não tivesse me calhado essa posição pela sorte, ficaria envergonhado de estar nela, tamanha a segurança em que pareço estar.”

[17] E Ciro disse: “Bem, se do seu lado as coisas vão bem, ânimo quanto aos flancos, pois eu, com a ajuda dos deuses, mostrarei a você os flancos ermos de inimigos. E você, eu lhe peço, não ataque os inimigos antes que contemple a fuga daqueles que agora você teme.” – Gabava-se assim quando o combate estava perto de começar, ele que, em outras ocasiões, não era jactancioso – “Mas quando notar que eles estão em fuga, considera que eu já estou lá e se lance contra esses homens, pois, nesse momento, você tratará com inimigos mais fracos ao lado de companheiros valentes. [18] Mas enquanto ainda tem tempo, Abradatas, percorrendo completamente as linhas de seus carros, exorte os seus homens ao ataque, encoraje-os com seu semblante e alivie-os com esperanças. Para que se mostrem melhores entre os condutores de carros, incuta neles a competitividade, pois tenha certeza que se esta batalha sair bem, todos, no futuro, falarão que nada é mais vantajoso do que a virtude.” Abradatas, então, subiu no carro e percorria as filas fazendo isso.

A morte de Abradatas 7.1.29-32 [29] Abradatas não mais esperou, mas depois de bradar ‘Amigos, segui-me’, lançou-se sem poupar os cavalos, mas fazendo-os sangrar com força com o chicote; também se lançaram juntos os outros condutores. Os carros inimigos prontamente começaram a fugir, alguns recolhendo os apeados, outros os abandonando. [30] Abradatas se lançou em linha reta e atacou a falange dos egípcios, e os soldados das linhas mais próximas atacaram com ele. Em muitos casos e em outros lugares mostrou-se evidente que não há falange mais forte do que quando ela é composta por aliados amigos, e, também, nessa ocasião isso se provou, pois, os companheiros e comensais dele se arremessaram juntos; enquanto isso, os outros aurigas, ao verem os

egípcios resistirem em massa compacta, desviaram para o lado dos carros em fuga e os perseguiram. [31] Ali onde atacavam Abradatas e seus homens, como não conseguiam quebrar as linhas egípcias porque se mantinham firmes de um lado ou de outro, derrubavam com o ímpeto dos cavalos os que estavam em pé e os caídos e suas armas, os cavalos e as rodas esmagavam. E aquele que as foices acertavam era violentamente retalhado todo ele, as armas e o corpo. [32] Nessa inenarrável confusão, com as rodas saltando sobre pilhas de todo tipo, Abradatas e seus companheiros de ataque caíram, e ali, esses homens, que se mostraram valorosos, foram despedaçados e mortos.

Funeral de Abradatas 7.3.1-16 [1] No dia seguinte, Ciro, tendo convocado seus amigos e comandantes das tropas, incumbiu alguns de recolher os tesouros e a outros ordenou que, do quanto dinheiro entregara Cresos, primeiramente separassem para os deuses o que os magos indicassem, em seguida, depois de guardar o restante das riquezas recebidas nos cofres e colocá-los nos carros, distribuíssem os carros pela sorte e levassem consigo para onde quer que fossem para que, no momento oportuno, cada um recebesse o bem merecido. [2] E eles foram cumprir as ordens. Ciro, então, tendo chamado alguns dos servos presentes, disse:

“Diga-me: algum de vocês viu Abradatas? Pois, me estranha que ele, que antes nos visitava com frequência, agora não apareça mais em lugar nenhum.”

[3] Um dos servos lhe respondeu: “Senhor, ele não mais vive, mas morreu na batalha, quando lançou seu carro contra os egípcios. Os outros, exceto seus companheiros, se afastaram, segundo dizem, quando viram a massa dos egípcios. [4] Agora, falam que a mulher dele, depois de recolher o cadáver e o colocar na carruagem, a mesma em que ela se deslocava, o trouxe para algum lugar aqui perto do rio Pactólo. [5] E contam que os eunucos e os servos estão cavando em uma colina um túmulo para o finado; dizem também que a mulher está sentada no chão com a cabeça do marido sob os joelhos, depois de ter adornado o marido com as joias que possuía.”

[6] Ao ouvir isso, Ciro bateu em sua coxa⁵⁴ e prontamente saltou sobre o cavalo, tomou um regimento de cavalaria e partiu rumo ao local do infortúnio. [7] Além disso, ordenou a Gadatas e Góbrias⁵⁵ que o seguissem, depois de pegarem as belas joias que

⁵⁴ Como nota Sano (2019, p.142), esse gesto de bater na coxa é retratado na *Ilíada* (12.162; 15.113) e na *Odisseia* (13.198), porém em nenhuma outra passagem em Xenofonte.

⁵⁵ Gadatas e Góbrias são dois personagens fictícios que, como Panteia e Abradatas, são assírios que se aliam a Ciro por causa do comportamento violento do rei. A narrativa desses personagens, assim como o

conseguissem para o morto, homem belo e bom; e ao condutor de rebanhos, mandou levar bois, cavalos, junto com muitas ovelhas, para onde descobrisse que o cadáver estava, a fim de sacrificar em honra de Abradatas.

[8] Assim que viu a mulher sentada no chão e o cadáver estendido, chorou diante desse sofrimento e disse: “Ai!, alma nobre e fiel, você parte e nos abandona?” E ao pegar a mão direita do morto, ela o seguiu, decepada pela espada⁵⁶ dos egípcios. [9] Ficou ainda mais condoído ao vê-lo; a mulher rompeu em prantos, e tendo recebido de Ciro a mão do marido, beijou-a e voltou a ajustá-la como pôde, e disse:

[10] “O resto, Ciro, está no mesmo estado; será mesmo necessário você ver isso? Eu sei que ele sofreu essa sorte por minha causa, mas talvez não menos por causa sua, Ciro, pois eu, louca, o encorajava muito a agir de modo que fosse digno de sua amizade; quanto a ele, estou certa de que não pensava no que poderia lhe acontecer, mas apenas no que poderia fazer para te agradar. E assim ele encontrou uma morte irrepreensível, enquanto eu, a exortadora, estou aqui viva e sentada.”

[11] Ciro, em silêncio, chorou durante um tempo, e em seguida falou:

“Vamos, mulher, ele teve o fim mais bonito, pois morreu como um vencedor; você, receba esses adornos de minha parte e o enfeite” – de fato Góbrias e Gadatas já estavam presentes, tendo trazido muitos e belos adornos – “em seguida, fique certa de que não lhe faltarão outras honras, mas muitos erguerão uma sepultura digna de nós e será sacrificado em honra dele quantas vítimas merecer um homem heroico. [12] E quanto a você, não ficará abandonada, mas eu a honrarei pela sua temperança e todas as outras virtudes e demais qualidades, e a unirei a quem a leve para onde você queira ir; apenas, indique-me com quem você deseja ir.”

[13] E Panteia disse: “Coragem, Ciro, não te esconderei com quem desejo ir.”

[14] Dito isso, Ciro partiu com pena da mulher privada de tal marido, e do homem por deixar tal esposa para nunca mais vê-la. Então, a mulher ordenou que os eunucos se afastassem, “até que eu chore como eu desejo”, disse; à ama, porém, disse que permanecesse e a encarregou de, quando ela morresse, cobri-la junto ao marido no mesmo manto. A ama fez muitas súplicas para que ela não fizesse isso, como nada conseguia e

conto que traduzimos, é apresentada de forma intercalada à narrativa principal e apresentam características semelhantes às deste conto. Compõe-se assim o que podemos chamar de “Contos assírios” da *Ciropedia*.

⁵⁶ Κοπίς é uma espada curta utilizada nos exércitos orientais. A palavra também significa uma faca usada em sacrifícios e ou na cozinha.

via que ela estava irritada, sentou-se chorando. E ela, tendo sacado um alfange⁵⁷ que com antecedência providenciara, se degolou⁵⁸, e depois de colocar sua cabeça sobre o peito do marido, expirou. A ama começou a chorar e cobriu a ambos como Panteia ordenara. [15] Ciro, ao ficar sabendo da ação da mulher, aturdido pôs-se a caminho para ver se podia ajudar em algo. Os eunucos, por sua vez, quando viram o acontecido, três que eram, eles, depois de também sacarem os alfanges, se degolaram exatamente onde ela mandara que eles ficassem. [Até hoje dizem que o mausoléu dos eunucos se mantém em pé; e contam também que na estela acima estão grafados, em caracteres assírios, os nomes do marido e da esposa, e abaixo dizem que há três estelas com a inscrição ‘OS PORTA-CETROS’⁵⁹] [16] Ciro se aproximou da triste cena, e depois de mostrar sua admiração pela mulher e lamentar-se, saiu. Cuidou para que recebessem todas as belas honras que mereciam, e, segundo dizem, o mausoléu que foi erguido tem um tamanho colossal.

⁵⁷ A palavra ἀκινάκης, que designa um punhal persa, é um decalque grego da palavra árabe. Assim como cimitarra, a palavra alfange em português deriva também do árabe, mas, como a cimitarra, além de ser um punhal maior, era usado pelos guerreiros, o alfange, por mais ser mais curto, parece se adequar mais a situação de Panteia que o esconde entre as vestes.

⁵⁸ Para aumentar o efeito dramático, Xenofonte utiliza aqui o verbo no presente do indicativo.

⁵⁹ A passagem em colchetes é omitida em algumas edições. Os porta-cetros (σκηπτούχος) eram oficiais da corte persa, geralmente cargos assumidos por eunucos.